

DIVULGAÇÃO

Do livro «*Les quatre faces de la Physique*» de Marcel Boll julgamos útil traduzir e publicar algumas passagens do capítulo que na «*Introdução*» se ocupa de «*les bouts et les écueils de la vulgarisation*». O tema é sempre duma actualidade flagrante, e é sobretudo necessário nas colunas de «*Síntese*»

À parte certos numerosos casos de ódio, manifesto ou latente, individual ou colectivo, a grande maioria do público guarda, em face da ciência, uma atitude de neutralidade, por vezes deferente, mas quasi sempre mal informada.

O prestígio da ciência tem-se imposto pela amplitude e pelo imprevisto das aplicações. Apontámos esta confusão, muito comum, entre a ciência e a técnica; há uma outra (correspondendo já a uma questão de cultura) entre a ciência teórica e ciência experimental. Haveria assim duas categorias de sábios e duas espécies de ciências, que chamaremos «ciência-Einstein» e «ciência-Branly» (1).

A primeira seria «ciência de luxo» — um tanto como são «de luxo», também, os *pékinois* —; as teorias entrechocar-se-iam com uma acrimonia digna da dos cubistas e dos super-realistas; não seria mais que pedantismo e cabotinice; asserções extravagantes, em face das quais o bom senso não tinha mais que sorrir.

Mas falai-nos da «ciência Branly!» eis a verdadeira ciência, a ciência activa e fe-

cunda, a ciência útil e realista, que trás comodidades e conforto, sem «saír do seu papel» (1), sem servir de «passa-tempo fútil» a «mandarins sectários». É ela que melhora a natureza humana, encurtando as dimensões do globo, «lançando a voz por sobre o Atlântico» (!), eliminando flagelos que se julgava inevitáveis...

A teoria e a prática não se opõem de *nenhum modo* (2). Foi porque Maxwelle, há mais de meio século, fez «ciência-Einstein» que assistimos hoje aos «milagres» da radiofonia. A investigação científica procede por um esforço colectivo que se realiza acima de fronteiras, através das gerações; nunca se deu acontecimento que não tenha sido preparado longamente, por colaboradores múltiplos e anónimos, repartidos no espaço e no tempo. Não esqueçamos que as «invenções» não são «um elemento essencial do progresso das ciências; não são mais que um testemunho da imperfeição dos nossos métodos de trabalho» (Henry le Chatelier). Por outras palavras, o interesse do sábio encerra-se no

(1) Melhor seria dizer «ciência-Marconi» ou «ciência-Edison». NT.

NA. Esta designação é a que melhor traduz a mentalidade do grande público, ignorando que Edouard Branly nada fez para a descoberta da radiofonia, ao contrário do que inconsideradamente se repete. (Em Portugal não é o nome de Branly, desconhecido, que anda associado à descoberta da radiotelegrafia na opinião do grande público: é o de Marconi. NT). As experiências de Branly (1890-1891) não eram originais (Calzecchi-Onesti, 1884) mas só depois é que se soube. Branly começou por concordar (1898), que não se relacionavam com a T. S. F. («nunca pensei em transmitir sinais»), mas depois retratou-se (1922). Em todo o caso, dez ou quinze investigadores tiveram mais influência do que ele no desenvolvimento da radiotelegrafia.

(1) «Os seus horizontes limitam-se à cosinha, ao celeiro, à cave ou à garagem. Horizontes nem vastos nem longínquos, mas horizontes apesar de tudo». (Abade Louis Bethléem).

(2) «Declarar a teoria supérflua, é ter o atrevimento de dizer: não tenho necessidade de saber o que digo, quando falo, nem o que faço, quando actúo (Royer-Collard). O melhor teórico está sujeito a enganar-se, se não praticou bastante, como também o melhor prático, se não estudou bastante (Edmond Goblot). A questão não está em saber se nos devemos apoiar na observação ou na teoria. O que se chama *un facto*, é em todos os casos, a interpretação duma observação. Mas utilizaremos, por isso as fontes mais completas da teoria moderna? Pela minha parte, não vejo razão para preferir as teorias de há cincoenta anos aos instrumentos da mesma época (Arthur Eddington)».